

Clube De Leitura Na Escola: Conhecendo O Perfil Dos Leitores

Mariana Fernandes Vasconcellos
Fabiane Verardi

Resumo

A formação de leitores ainda representa um desafio significativo para as escolas contemporâneas. Este estudo aborda essa questão por meio da formação de leitores nos anos finais do Ensino Fundamental em uma escola pública da zona rural de Uruguaiana/RS, utilizando um clube de leitura como estratégia pedagógica. O objetivo principal é analisar os resultados de um questionário aplicado no primeiro encontro do clube, buscando compreender o perfil dos participantes, suas concepções de leitura e suas expectativas em relação ao clube de leitura. O embasamento teórico do estudo inclui autores como Freire (2006), Larrosa (2002), Petit (2008) e Bajour (2020), que refletem sobre a leitura como experiência, além de Cosson (2021), Maria (2016) e Yunes (2009), que discutem clubes de leitura. A metodologia segue uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com procedimentos técnicos baseados em levantamento e pesquisa bibliográfica. A análise dos dados gerados foi realizada com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Os resultados demonstram que o questionário de sondagem é uma ferramenta valiosa para compreender o perfil dos participantes do clube de leitura em diversos aspectos. Além disso, ele oferece subsídios importantes para o planejamento de atividades voltadas ao incentivo da leitura literária.

Palavras-chave: *Leitura. Clube de leitura. Perfil de leitores*

Date of Submission: 09-12-2025

Date of Acceptance: 19-12-2025

I. Introdução

O presente estudo tem como tema central a formação leitora de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental através de um clube de leitura na escola. O público-alvo são os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal EMEB Dom Fernando Mendes Tarragó, situada na zona rural do município de Uruguaiana/RS. O referido clube de leitura está sendo desenvolvido semanalmente, em turno extraclasse, com encontros temáticos, empréstimo e circulação de obras.

Para justificar tal pesquisa, torna-se pertinente situar o ensino da leitura literária na escola, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental. Assim, faz-se necessário lembrar que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documentos utilizados até pouco tempo na orientação das práticas pedagógicas escolares, a literatura não tem caráter de disciplina, ela faz parte do ensino de Língua Portuguesa, em que o texto é considerado como unidade de ensino. Nesses Parâmetros há a reflexão sobre a “especificidade do texto literário” (BRASIL, 1998, p. 26), ou seja, o documento contempla uma breve menção ao trabalho com a literatura, considerando-a apenas um instrumento para ensinar a língua.

Por outro lado, o atual documento normativo da educação brasileira, isto é, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), apresenta, nos anos finais do Ensino Fundamental, e a literatura na área de Língua Portuguesa, no campo de atuação denominado “artístico-literário”. Nessa legislação, observa-se um apontamento da função humanizadora da literatura e do papel da escola na formação de alunos leitores, pois estabelece que a leitura deve integrar a vida escolar dos estudantes, além de indicar a importância do acesso à arte literária.

Apesar da legislação atual (BNCC, 2017) normatizar o trabalho com o texto literário na escola, as pesquisas apontam que o nosso país está perdendo o número de leitores, como podemos observar nos dados levantados pela pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” evidenciam que o país perdeu 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019. O levantamento, feito pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural, foi realizado em 208 municípios de 26 estados entre outubro de 2019 e janeiro de 2020. De acordo com o estudo, pouco mais da metade dos brasileiros tem hábitos de leitura: 52% (ou 100,1 milhões de pessoas). O resultado é 4% menor do que o registrado em 2015, quando a porcentagem de leitores no país era de 56%. A média de livros inteiros lidos em um ano se manteve estável: 4,2 livros por pessoa. Diante desses indicadores, podemos levantar a hipótese de que a escola ainda não está dando a devida importância ao trabalho com a literatura, pois sabemos que para muitos sujeitos a formação leitora começa na instituição escolar.

Com base na leitura dos documentos e em reflexões realizadas a partir da pesquisa acima citada, surgem alguns questionamentos e inquietações: qual o papel da escola na formação de leitores? Como vem sendo desenvolvida a leitura do texto literário dentro das instituições escolares? Como está acontecendo a formação do leitor nos anos finais do Ensino Fundamental? É possível observar que muitas escolas ainda reproduzem a visão que a sociedade tem em relação à “inutilidade” da literatura, desconsiderando a importância que esta tem para a formação do ser humano. Nesse liame, o estudioso Nuccio Ordine (2016) em sua obra “A utilidade do inútil”, menciona que é muito difícil em tempos de utilitarismo compreender a função da literatura, da arte e da música, o que fortalece a necessidade de reconhecimento dos perfis de participantes de um clube de leitura e suas concepções sobre essa prática.

Diante de tais constatações, deu-se continuidade a um clube de leitura, que teve início em uma pesquisa de mestrado da autora deste artigo. Tal proposta é desenvolvida na biblioteca escolar da Escola Municipal de Educação Básica Dom Fernando Mendes Tarragó, situada na localidade do Itapitocay, município de Uruguaiana/RS, estabelecida a quinze quilômetros do centro da cidade. Essa instituição atende exclusivamente alunos residentes em diferentes pontos da zona rural, os quais são, predominantemente, filhos de trabalhadores rurais. Dessa forma, os estudantes têm a escola como um ponto de referência positivo, pois é seu único local de contato presencial com os colegas, visto que vivem em localidades longínquas.

Todos os alunos da instituição são usuários do Transporte Escolar, uma vez que se trata de uma escola polo, que recebe estudantes de várias localidades do interior do município. Atualmente, o educandário atende aproximadamente cento e trinta alunos, distribuídos da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. Faz-se necessário esclarecer que, antes do início das aulas regulares, os alunos aguardam cerca de uma hora, pois os ônibus escolares chegam cedo à instituição, visto que precisam, também, transportar jovens da zona rural que cursam o Ensino Médio na zona urbana e é nesse intervalo que ocorrem os encontros do Clube de Leitura aqui apresentado.

Outro ponto relevante desta pesquisa diz respeito à participação dos estudantes, que acontece por adesão, isto é, os alunos são convidados. Neste ano, inicialmente foram disponibilizadas 10 (dez) vagas e o convite iniciou pela turma do 9º ano, a sequência estava programada para ser realizada em ordem decrescente. Entretanto, a adesão foi maior do que a esperada nas turmas do 8º e 9º, havendo 13 (treze) jovens interessados. Diante dessa situação, foram disponibilizadas mais 3 (três) vagas, com vistas a não deixar nenhum aluno de fora e não foram disponibilizadas vagas para as turmas do 6º e 7º ano. O convite foi iniciado pela turma de 9º ano, porque, na edição anterior, não houve adesão por alunos desse ano, fato que se alterou significativamente nesta oportunidade.

Acreditamos que um dos principais motivos para se investir em projetos que visam à formação de leitores é a experiência transformadora, humanizadora e encantadora que a leitura pode proporcionar. Além disso, cremos que ela é capaz de ampliar os conhecimentos de mundo do leitor, de si mesmo e do outro. Diante disso, apostamos que um clube do livro pode ser uma estratégia significativa para a vivência dessas experiências. Ademais, cabe ressaltar a relevância social de um clube de leitura para uma comunidade rural, onde o acesso aos livros, na maioria das vezes, só acontece através da escola.

Apresentado o contexto, nos propomos a investigar o tema apresentado a partir da seguinte problematização: qual a importância de se conhecer previamente o perfil dos membros de um clube de leitura? Para tanto, delimitamos o objetivo geral desta pesquisa, que é analisar os resultados obtidos em um questionário de sondagem aplicado no primeiro encontro de um clube de leitura, com vistas a refletir sobre o perfil dos participantes, suas concepções de leitura e de clube de leitura, além de considerar suas expectativas.

Com vistas a desenvolver a investigação em questão, esta pesquisa tem sua fundamentação teórica baseada nos estudos de Freire (2006), Larrosa (2002), Petit (2008), e Bajour (2020) para as reflexões sobre a leitura como experiência. Já para as considerações acerca dos clubes de leitura, o aporte teórico está embasado em de Cosson (2021), Maria (2016), e Yunes (2009).

Em relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada e abordagem qualitativa (Prodanov, Freitas, 2013). Do ponto de vista de seus objetivos, é um estudo descritivo, que visa descrever o perfil dos membros do clube de leitura. Os procedimentos técnicos são o levantamento (*survey*) e a pesquisa bibliográfica. A coleta de dados foi realizada através de um questionário de sondagem, composto por questões de múltipla escolha e de respostas abertas. Os dados gerados são analisados e interpretados à luz das categorias de análise de conteúdo de Bardin (2016) e do referencial teórico que sustenta a investigação.

Por fim, este estudo está organizado em seções, a saber: a primeira apresenta um breve panorama conceitual sobre a leitura como experiência; na sequência, se encontram as considerações e reflexões acerca dos clubes de leitura. Na segunda seção, trazemos os procedimentos metodológicos adotados, a análise dos dados e os resultados obtidos. Para finalizar, na terceira seção, são apresentadas as considerações finais. Em continuidade, discorreremos sobre pressupostos teóricos que balizaram a realização do nosso estudo.

II. A Leitura Como Experiência

O ato da leitura vai além da decifração do código escrito, pois, como já dizia o pensador brasileiro Paulo Freire (2006), a leitura do mundo precede a leitura das palavras. Nesta perspectiva, ler é uma experiência única, individual, em que está em jogo a construção de si e a abertura para o outro e para o mundo.

Jorge Larrosa, filósofo e professor da área da educação, apresenta em seus estudos a leitura como uma experiência, um acontecimento. Entretanto, o estudioso ressalta que nem toda leitura é uma experiência. Para ele,

Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (Larrosa, 2002, p.24).

O não acontecimento da experiência se dá por diversos motivos, dentre eles destaca-se o excesso de informações, visto que para o autor, estar informado não significa que o sujeito passou por uma experiência. Atualmente, os indivíduos buscam cada vez mais informações, entretanto, parece que a prática de leitura vem se esvaziando de sentido. Para Larrosa (2012, p. 22), “o *saber de experiência* é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado”, ou seja, é possível se informar sobre inúmeras coisas, saber acerca de diversos assuntos e mesmo assim não ter construído nenhuma experiência.

Outro ponto que o estudioso relaciona à informação é a opinião, ao mencionar que o indivíduo, além de estar informado, tem a ânsia de opinar sobre todas as coisas. A necessidade do sujeito em opinar acaba por afastá-lo da experiência. Para o filósofo, a união da informação com a opinião gera o periodismo e este nada mais é que a fabricação da opinião e da informação, ambas “inimigas” da experiência.

Nesse contexto, observa-se que os jovens estão cada vez mais informados, uma vez que a tecnologia possibilita o acesso à informação e torna acessível o conhecimento sobre fatos acerca do que está acontecendo no mundo instantaneamente através da internet. Ademais, tomando posse da informação, mesmo que de modo superficial, há a emissão de opiniões e a defesa de ideias, muitas vezes com um conhecimento raso acerca do assunto. Segundo Larrosa (2002),

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (Larrosa, 2002, p.23).

Ao refletirmos sobre a educação básica, observamos que o sistema educacional impõe à instituição escolar uma série de objetos do conhecimento a serem desenvolvidos ao longo da vida escolar dos estudantes, distribuídos em áreas do conhecimento e uma das formas de verificação da eficiência do trabalho desempenhado pela escola são as avaliações externas, tal como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que ocorre em nível federal. Diante disso, muitas escolas focalizam o trabalho pedagógico em habilidades e competências essenciais para o desenvolvimento dos objetos do conhecimento (conteúdos) e as experiências vão sendo deixadas de lado, pois não há tempo para conciliar as duas práticas. Nas palavras do pesquisador, “e na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece” (Larrosa, 2002, p.23). Em muitos casos, a leitura é usada como um meio de acesso aos conteúdos e, nessa perspectiva, ler literatura é perda de tempo.

Nesse liame, o professor Nuccio Ordine (2016), afirma que uma das tarefas da educação pública é educar o homem para amar o belo, afastando-o do utilitarismo. Ao compactuarmos com essa ideia, nos questionamos se a escola está desenvolvendo um trabalho que provoque nos estudantes o amor à arte, à cultura, à literatura, quando o sistema impõe o domínio de conteúdos e cada vez abre menos espaço para práticas humanizadoras. Nas palavras de Ordine (2016),

No universo do utilitarismo, um martelo vale mais que uma sinfonia, uma faca mais que um poema, uma chave de fenda mais que um quadro: porque é fácil compreender a eficácia de um utensílio, enquanto é sempre mais difícil compreender para que podem servir a música, a literatura ou a arte. (ORDINE, 2016, p. 10).

É possível observar um ponto de encontro nos estudos de Larrosa (2002) e Ordine (2016), o qual trata-se da reflexão sobre o não lugar da literatura, da arte, da cultura na educação, onde a preocupação está na transmissão de conteúdos, informações, conhecimento e não em formar seres humanos que pensam, sabem se posicionar, criticar, resistir, acima de tudo, sujeitos que se conhecem, respeitam-se e colocam-se no lugar do outro. O que temos visto são muitos jovens passivos, que acreditam em tudo que lhes é dito, que se julgam sabedores de tudo, mas que, na maioria das vezes, são pessoas com conhecimentos superficiais e utilitários, alunos que saem da educação básica sem ter tido grandes experiências formadoras e transformadoras.

A antropóloga francesa Michèle Petit, em sua obra “Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva” (2008), aponta que a leitura, especialmente a literária, tem papel imprescindível na “elaboração da subjetividade” do

sujeito leitor e no desenvolvimento de “círculos de pertencimento”, isto é, a leitura possibilita uma abertura para o eu e para o outro.

Para Petit (2008), o texto literário possibilita ao sujeito o acesso a experiências íntimas, as quais muitas vezes o levam a um encontro consigo mesmo e permitem sua entrada em mundos desconhecidos, os quais desafiam seus pensamentos, colocando-o em perspectiva, desafiando-o. A consideração do ponto de vista dessa estudiosa leva-nos a levantar outro questionamento: como ainda é possível, sabendo-se da potência da literatura, sua inegável contribuição para a formação humana, que ela continue sendo deixada de lado na escola? Uma das hipóteses que se pode levantar é a visão da sociedade a respeito da inutilidade desta.

A pesquisadora Cecilia Bajour (2020), em sua obra “Literatura, imaginación y silencio: desafíos actuales en mediación de lectura”, apresenta ricas reflexões acerca da leitura como experiência, ela aponta que ninguém consegue ter domínio absoluto sobre as ressonâncias imaginárias do que foi lido, ou seja, a leitura deixa marcas no leitor. Para ilustrar, podemos pensar sobre uma mesma obra lida por diferentes sujeitos, cada leitor vive essa experiência de maneira diferente, pode ser que para um aquela obra tenha causado grande mobilização interior, já para outro, pode ser apenas mais uma leitura.

A autora traz à tona outra função importante da experiência proporcionada pela leitura literária, a possibilidade de pensar o mundo criticamente. Segundo ela, estamos vivendo em um tempo de retrocesso e violação dos direitos básicos, daí a relevância da criticidade, que pode ser desenvolvida através da leitura, esta pensada como emancipadora.

Diante do exposto, destacamos o papel de um clube de leitura na escola, especialmente em uma instituição da zona rural, em que o acesso à leitura, na maioria das vezes, acontece através da escola. Por isso, na sequência apresentamos algumas considerações relacionadas a este assunto.

III. Clubes De Leitura

Acreditamos que estratégias diferenciadas de incentivo e promoção da leitura são fundamentais para a formação de leitores na escola. Sendo assim, consideramos que um clube de leitura seja um excelente meio de propor experiências marcantes de leitura aos estudantes. A proposta desenvolvida através de encontros, que tem como base o texto literário, a obra de arte, a letra da música, o filme, dentre outras leituras e para os quais as pessoas são convidadas a participar, pode auxiliar na formação leitora dos participantes, no desenvolvimento da subjetividade, além de despertar ou manter o gosto de ler.

A pesquisadora Eliana Yunes (2009), propõe como método de formação de leitores os “círculos de leitura”. Em suas pesquisas, tem comprovado que os círculos têm se mostrado eficientes. De acordo com a autora, “ler em círculo não é novo: novo é o uso do círculo para aproximar os leitores na troca de suas interpretações (hoje, os leitores têm voz e antes não tinham, como sabemos), para estímulo intensivo da própria experiência de dizer e dizer-se” (Yunes, 2009, p.85).

Na proposta dos “círculos de leitura”, a aprendizagem ocorre por meio da partilha, e o ponto central do círculo é o material de leitura e o guia é um mediador. Todos os participantes se encontram a mesma distância do centro, que jamais é o professor e sim o texto, o filme, o quadro, isto é, aquilo que se pretende ler naquele momento. Percebemos que essa metodologia de trabalho tem o centro na experiência de leitura, no encontro do leitor com o material a ser lido.

Os “círculos de leitura” têm o propósito de que a pessoa se descubra como leitor e qualifique suas leituras. Isso é possível através das trocas de experiências vivenciadas pelos participantes, pela partilha das impressões de leitura de cada um, colaborando, assim, com a construção da cidadania da comunidade leitora. Segundo Eliana Yunes (2009), “o círculo de leitura, por fim, põe em movimento a consciência crítica que predispõe à cidadania. Depois que se aprende a pensar e a dizer o que se pensa, o próximo passo é agir, participar, inscrever-se na história ou escrever a história” (Yunes, 2009, p.85).

Outro autor que propõe os “círculos de leitura” é Rildo Cosson, que idealiza a leitura em comunidade como valiosa, pois, segundo ele, é por meio da participação nos grupos que se constituem os leitores. Ademais, afirma que a escola é lugar privilegiado para o desenvolvimento de práticas de leitura, já que “dentre os muitos modos de ler na escola, o círculo de leitura ocupa uma posição privilegiada pelos benefícios que oferece tanto ao aprendizado da leitura quanto ao desenvolvimento integral do aluno como cidadão” (Cosson, 2021, p.23).

Há muitas práticas de leitura literária de acordo com Cosson (2021), no entanto, existe uma em especial, que considera mais de uma forma de ler, trata-se do compartilhamento de leituras entre um determinado grupo de pessoas. Essa proposta é designada pelo autor como “Círculos de Leitura” e é composta por um grupo de leitores. Para ele, mesmo que o processamento das leituras seja individual, a coletividade propicia uma ampliação dos horizontes interpretativos através das trocas realizadas, proporcionando a criação e o fortalecimento de laços entre a comunidade leitora.

Em sua obra *Como criar círculos de leitura na sala de aula*, Cosson (2021) apresenta uma metodologia de criação de círculos de leitura na escola e fora dela também, sugere formas de organização e avaliação, mas destaca que “o que faz com que eles realmente funcionem é a disposição de cada leitor de oferecer aos outros a

sua interpretação, de ouvir e ser ouvido, de participar do diálogo consigo e com o mundo – que é o que nos oferece permanentemente o exercício da leitura literária” (Cosson, 2021, p. 118).

Nesta perspectiva da leitura como diálogo e dentro da temática de clubes de leitura, encontramos também os estudos de Luzia de Maria, que publicou *O Clube do Livro* (2016), onde enfatiza que a leitura aproxima as pessoas, promove o diálogo e a interação, sendo uma fonte de alimentação do imaginário. Para ela, a leitura da literatura proporciona a apuração da sensibilidade e edifica valores, desenvolve a empatia, dentre tantos outros benefícios para o leitor, sendo assim, ela precisa ser uma prioridade no século XXI. Sob essa perspectiva, a autora afirma que, “no mundo contemporâneo, o conceito de verdadeira democracia passa pelo decisivo investimento na formação de leitores” (Maria, 2016, p.27).

Ainda de acordo com Maria (2016), a principal função da escola é formar leitores através de experiências prazerosas e democráticas. A escola precisa considerar e dialogar com as leituras que os estudantes trazem consigo, mas, ao mesmo tempo, oferecer novas possibilidades, a fim de ampliar o repertório de leituras dos estudantes. Entretanto, para a autora, nas escolas brasileiras, tanto no ensino fundamental como no médio, a leitura e a formação de leitores ainda estão em processo de construção.

Diante do exposto, é possível afirmar que há muitos pesquisadores, professores, estudiosos apresentando pesquisas e obras relacionadas à formação de leitores. Todavia, ainda assim, também observamos que a efetivação de práticas leitoras continua acontecendo de forma tímida, o que representa, ainda, um dos desafios da educação básica.

Com vistas a formar leitores literários na escola, propomos um projeto de pesquisa-ação de Clube de Leitura, pois, inspirados nas investigações realizadas por renomados estudiosos da área da formação de leitores, constatamos que esta é uma proposta que apresenta bons resultados em diferentes contextos. Na concepção do nosso clube, são consideradas as sugestões de “Círculos de Leitura” apresentados por Yunes (2009) e Cosson (2021), pois tratamos de reunir um grupo de alunos para ler, discutir, interpretar, compartilhar textos literários, obras de arte, músicas, fotografias com o objetivo da formação de leitores, do desenvolvimento da subjetividade e do gosto pela leitura.

A seguir, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos adotados nesta etapa da pesquisa apresentada neste artigo, que é um recorte do projeto de pesquisa-ação do clube de leitura, o qual faz parte da nossa tese de doutorado.

IV. Procedimentos Metodológicos

A opção metodológica deste estudo é de natureza aplicada e abordagem qualitativa (Prodanov, Freitas, 2013). Do ponto de vista de seus objetivos, é uma pesquisa descritiva, que visa descrever o perfil dos membros de um clube de leitura. Os procedimentos técnicos são o levantamento (*survey*) e a pesquisa bibliográfica.

Com a finalidade de analisarmos o perfil dos participantes, selecionamos como *corpus* de pesquisa os questionários de sondagem aplicados do primeiro encontro do clube, nomeado por nós como pré-encontro, que foi uma reunião para combinados sobre o funcionamento do projeto e aplicação do instrumento de pesquisa.

A partir dos dados obtidos, a análise está baseada no método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016). De acordo com a autora, “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2016, p.44). Esse método de análise contempla, segundo a autora, três polos cronológicos, a saber: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Nesse sentido, iniciamos a aplicação dessa metodologia pela pré-análise, quando realizamos a *organização dos materiais, os procedimentos de exploração*, e a preparação do material para o tratamento tecnológico dos dados, momento em que tabulamos todas as respostas dos participantes para posterior análise.

Na sequência, passamos à *exploração do material*, isto é, à codificação dos dados e categorização. Para tanto, lançamos mão do *software* gratuito de criação de nuvem de palavras, *WordArt* para algumas das respostas dissertativas. Já para as respostas objetivas, fizemos uso do site *Infogram*, o qual gera gráficos.

Por fim, realizamos o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, isto é, a terceira etapa da Análise de Conteúdo, quando analisamos as nuvens de palavras, as respostas dissertativas e os gráficos. De acordo com Bardin (2016), “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (Bardin, 2016, p. 131).

Por fim, realizamos o cruzamento entre os resultados gerados pelas análises com os estudos teóricos que embasam a investigação, traçando um paralelo, com vistas a explorar o perfil de leitores do clube e, sequencialmente, subsidiar a continuidade do projeto de pesquisa-ação.

V. Os Membros Do Clube Do Livro: O Reino Da Leitura: Descrição Do Seu Perfil Pessoal

Para esta apresentação, conforme já mencionamos, utilizamos um questionário de sondagem composto por vinte e uma perguntas, com a finalidade de conhecer as práticas de leitura dos estudantes, membros do clube,

em distintas dimensões, em sua correlação com os diferentes espaços, materialidades e contextos. Tal instrumento foi dividido em cinco seções, sendo elas: a) perfil pessoal; b) hábitos de leitura; c) memórias de leitura; d) concepções de leitura e clube de leitura; e, e) interesses de leitura e expectativas.

Em relação à primeira sessão, direcionada às questões de ordem pessoal, foram aplicadas doze perguntas, que analisamos e chegamos aos resultados aqui apresentados. Iniciamos nosso questionário interrogando a idade dos participantes, de modo a saber a faixa etária do grupo. De posse da informação de são estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, constatamos que a turma é formada por adolescentes com idades entre 13 e 15 anos, sendo que a maior parte do grupo tem 14 anos, isto é, do total de treze participantes, sete tem essa idade. A questão seguinte foi direcionada ao ano em curso, os resultados apontaram que sete estudantes estão no 8º ano e seis encontram-se no 9º ano.

Na sequência, perguntamos com quem os estudantes residem. As respostas apontaram que oito alunos moram com os pais e irmãos e cinco com mãe, padrasto e irmãos. Dentre os jovens que moram com os pais, há um que a avó faz parte do grupo familiar. Sobre os irmãos, o número varia de um a três irmãos, ainda, há quatro participantes que são filhos únicos.

Após, questionamos sobre a profissão dos pais e/ou responsáveis, do total dos treze participantes, filhos que têm as mães dona de casa são oito, uma trabalha com artesanato, outra cultiva sementes, há uma que é doméstica na casa dos donos da fazenda em que a família vive e há uma única mãe que trabalha como cuidadora de criança na zona urbana. Já os pais ou padrastos, em sua grande maioria, são funcionários das fazendas/estâncias/granjas em que residem, exercendo as funções de capataz, peão campeiro, serviços gerais, o que totaliza doze. Há um pai que é caminhoneiro. A partir desses dados, inferimos que são poucas as oportunidades de emprego para as mulheres residentes na zona rural, já que não há espaço nas localidades (fazendas, estâncias, granjas) para elas atuarem, exceto em serviços domésticos e, mesmo assim, ainda são raras as vagas. Nessa perspectiva, acreditamos que um clube de leitura possa auxiliar seus participantes a desenvolverem uma visão crítica sobre as relações de trabalho na zona rural, através da seleção de acervos que mobilizem essa temática.

No que tange às condições de moradia das famílias, levantamos o questionamento para verificar se as famílias são donas das propriedades em que residem ou se moram casas cedidas pelos “patrões” (esse é o termo comumente utilizado no interior do Rio Grande do Sul para os empregadores). Do total de participantes, doze famílias vivem em casas cedidas pelos donos das propriedades onde os pais ou padrastos trabalham. Apenas uma família mora em casa própria.

A pergunta seguinte foi direcionada à renda familiar, segundo os estudantes, do total de treze participantes, seis afirmaram que a renda está entre 1 e 2 salários mínimos e sete jovens disseram que a renda familiar mensal está entre 2 e três salários mínimos.

Em sequência, perguntamos se os alunos e suas famílias praticam ou são adeptos de alguma religião, sendo que seis estudantes disseram que não. Sete dos participantes responderam que sim, sendo que, desse total, três apontaram ser católicos em quatro afirmaram ser evangélicos. Entretanto, os que responderam afirmativamente relataram que vão pouco às igrejas porque moram muito distantes da zona urbana.

Na oportunidade, questionamos sobre o acesso à internet em casa, e a resposta foi unânime, pois todos os alunos do clube de leitura informaram que têm acesso em casa, sendo que a maioria acessa através de telefones celulares próprios, e somente dois estudantes relataram não ter aparelhos e usar os dispositivos dos pais. Este é um dado relevante, pois indica que, mesmo sendo um grupo formado por jovens residentes na zona rural, muitos vivendo em localidades longínquas, todos têm acesso à internet. Acreditamos que esse indicativo possa ter relação com o fato de todos os pais ou responsáveis estarem empregados e recebendo salários, o que proporciona a aquisição de aparelhos celulares e a manutenção de planos de internet. Nessa perspectiva, podemos inferir que não se trata de um grupo em vulnerabilidade social, são filhos de trabalhadores com condições dignas de vida. Além disso, podemos acreditar que são adolescentes informados e, de alguma forma, “conectados”.

Dando sequência, interrogamos sobre *sites*, canais, redes sociais acessados pelos participantes. As respostas foram muito próximas, sendo que todos dizem utilizar *WhatsApp* e *Instagram*. Já a rede social *Facebook* é utilizada por cinco alunos, o *TikTok* é acessado por nove estudantes, o aplicativo de vídeos *Youtube* é visto por sete jovens, três participantes afirmaram acessar jogos *online*, um estudante utiliza o aplicativo *Spotify*, outro disse navegar pelo *Pinterest*, os aplicativos *Netflix* e *Capcut* apareceram uma vez cada e o *Play Livros* também foi mencionado uma única vez. A partir das respostas dos participantes, é possível observar que todos os estudantes têm acesso e utilizam as redes sociais e navegam em diferentes *sites* e aplicativos de entretenimento. Entretanto, somente um participante relata que faz uso da internet para acesso à leitura *online*.

Seguindo, questionamos sobre o que os estudantes costumam assistir e obtivemos respostas bem variadas, uma vez que, dentre as preferências, estão séries, animes, novela coreana, vídeos de receitas, vídeos de dança no *TikTok*, jogos de futebol, dorama (dramas asiáticos), vídeos engraçados, entre outros. Um ponto que nos chamou atenção foi que três participantes relataram que assistem programações do canal rural, concursos que são transmitidos ao vivo. Diante das respostas, observamos que nenhum aluno costuma assistir vídeos sobre

Ao analisar a figura acima, observamos que a palavra em destaque é “música”, a qual apareceu em sete das treze respostas, o que demonstra o interesse dos jovens pelo gênero. Em segundo lugar nas preferências, estão a “poesia” e o “filme”, com cinco respostas. Uma questão relevante está relacionada ao interesse dos participantes pela música tradicionalista do estado do Rio Grande do Sul. Esse dado tem relação direta com aqueles jovens que mencionaram que costumam assistir aos programas do Canal Rural, isso comprova que esses sujeitos vivenciam a cultura gaúcha, que é uma das marcas dos moradores da zona rural.

Desse modo, o ilustre pesquisador brasileiro Paulo Freire (2006) destaca a importância de considerar a realidade vivida pelo sujeito, sua leitura de mundo. Assim, torna-se relevante refletir sobre quem são os sujeitos envolvidos neste projeto de pesquisa-ação de clube de leitura, quais suas preferências, sua realidade, o contexto cultural em que estão inseridos, sem jamais esquecer que são jovens residentes da zona rural do município.

No entanto, não podemos deixar de refletir sobre a função de um clube de leitura na ampliação do repertório de seus membros e na ampliação dos horizontes interpretativos de cada um, como apontam Cosson (2021) e Maria (2016). Nesse sentido, faz-se necessária a análise e a interpretação dos dados obtidos em um instrumento investigativo de sondagem, pois, a partir dos dados, torna-se mais direcionado o planejamento das atividades de leitura à realidade dos participantes.

Na etapa de finalização do questionário, a última pergunta relacionou-se às expectativas dos estudantes em relação ao clube do livro, com a finalidade considerar as respostas no momento de planejamento dos encontros e ao final da pesquisa verificar se elas foram alcançadas ou não. Nessa análise, descrevemos as respostas, que, mais uma vez, foram diversas. Uma resposta que se repetiu foi “espero melhorar a minha leitura”, ou seja, os alunos vislumbram a possibilidade de aprimorar sua fluência leitora através do projeto. Esse é um ponto relevante e ao mesmo tempo inquietante, pois, como já mencionamos, o grupo é formado por estudantes que estão finalizando o 8º e o 9º ano do Ensino Fundamental, sendo assim, já deveriam ter alcançado a leitura fluente no que se refere, exclusivamente, à decodificação do código escrito.

Outro ponto mencionado por mais de um participante tem relação com a expectativa de o clube não ser “chato” e nem “entediante”, visto que esses estudantes esperam que seja “divertido”, “legal”. Diante de tais respostas, podemos inferir que esses alunos não tiveram experiências de leitura tão prazerosas, pois esperam que não seja algo enfadonho, ratificando o conceito de Maria (2016, p.40), quando defende o prazer na leitura “Gostaria de afirmar, e veementemente defender, que a literatura - a despeito de tudo o mais que possa nos oferecer - é uma experiência de prazer”. O resultado encontrado nos deixa em dúvida em relação às experiências de leitura deste grupo.

Ao finalizarmos a apresentação dos resultados e suas respectivas análises, percebemos a importância de um instrumento de sondagem em uma pesquisa-ação, pois os dados apontam muitas questões a serem consideradas na continuidade da pesquisa, no seu planejamento e execução. Na sequência, apresentamos nossas considerações finais a respeito deste estudo.

IX. Considerações Finais

Neste artigo, expusemos um recorte de nossa pesquisa de tese de doutorado em Letras, a qual trata do clube de leitura como uma estratégia de formação de leitores nos anos finais do Ensino Fundamental, considerando que, apesar dos inúmeros estudos relacionados à formação leitora na escola, observa-se que essa ainda é uma questão desafiante para a instituição escolar como um todo.

Em tela, neste trabalho, apresentamos a primeira etapa desenvolvida no projeto de pesquisa-ação, isto é, abrangemos a aplicação do questionário de sondagem, os resultados obtidos e a análise dos dados gerados por esse instrumento. A questão que norteou todo o processo foi “qual a importância de se conhecer previamente o perfil dos membros de um clube de leitura?”. A partir desse questionamento, traçamos o objetivo geral de “analisar os resultados obtidos em um questionário de sondagem aplicado no primeiro encontro do clube, com vistas a refletir sobre o perfil dos participantes, suas concepções de leitura e de clube de leitura, além de considerar suas expectativas”.

Conforme constatamos, a partir dos resultados obtidos, um questionário de sondagem é um valioso instrumento para se conhecer o perfil dos participantes de um clube de leitura em diferentes aspectos. Além disso, percebemos que sabendo-se quem são os sujeitos da pesquisa, podemos planejar consistentemente as atividades subsequentes da investigação com referências importantes, as quais podem refletir nos resultados finais da pesquisa.

Nessa perspectiva, consideramos que os dados obtidos são imprescindíveis para a comparação com resultados alcançados e verificados através da aplicação de um questionário final no último encontro do grupo. Ambos os instrumentos são de suma relevância para a defesa da tese de doutorado.

Ainda, cabe ressaltar a contribuição acadêmica deste trabalho, que visa divulgar um estudo com evidências científicas importantes para os pesquisadores da área da formação de leitores, especialmente para aqueles que focalizam seus estudos na temática dos clubes de leitura. Não podemos deixar de reiterar que se trata

de parte de uma pesquisa-ação, por isso, tem suas limitações em relação à análise, que foi realizada de forma simplificada, mas que será devidamente ampliada na tese de doutorado desta pesquisadora.

Por fim, pontuados e discutidos os principais resultados alcançados nesta investigação, dialogamos com autores que são referência nas discussões da leitura como experiência e nas reflexões acerca de clubes de leitura. Apostamos que o projeto do clube de leitura poderá se mostrar uma boa estratégia para a formação dos jovens leitores e no desenvolvimento da subjetividade desses sujeitos, uma vez que os dados apontam que o grupo tem grandes expectativas e alguma noção do que os aguarda na sequência dos encontros do “Clube do livro: o reino da leitura”.

Referências

- [1]. BAJOUR, Cecilia. *Literatura, Imaginación Y Silencio: Desafios Actuales Em Mediación De Lectura*. Lima: Biblioteca Nacional Del Perú, 2020.
- [2]. BARDIN, Laurence. *Análise De Conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto E Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- [3]. BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas Sobre A Experiência E O Saber De Experiência*. Revista Brasileira De Educação, Rio De Janeiro, Anped, N. 19, P. 20-28, Abr. 2002.
- [4]. BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil E Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria De Educação Básica, 2017. 600 P. Disponível Em: Http://Basenacionalcomum.Mec.Gov.Br/Images/BNCC_EI_EF_110518_Versaofinal_Sit E.Pdf. Acesso Em 13 Jul. 2023.
- [5]. BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática*. Ministério Da Educação E Do Desporto: Secretaria De Educação Fundamental. Brasília, 1997
- [6]. COSSON, Rildo. *Como Criar Círculos De Leitura Na Sala De Aula*. São Paulo: Contexto, 2021.
- [7]. FREIRE, Paulo. *Pedagogia Da Autonomia: Saberes Necessários À Prática Educativa*. 33. Ed. São Paulo: Paz E Terra, 2006.
- [8]. RAMOS, K. A.H.P., DE OLIVEIRA, C.M., & CARRIEL, S.M.A. *A Circulação De Textos Literários Na Escola: A Visão Do Estudante Do Ensino Médio*. *Miscelânea: Revista De Literatura E Vida Social*, 35, 37–56, 2024.
- [9]. INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos Da Leitura No Brasil*. 5. Ed. 11 Set. 2020. Disponível Em: Https://Prolivro.Org.Br/Wpcontent/Uploads/2020/09/5a_Edicao_Retratos_Da_Leitura_No_Brasil_IPL-Compactado.Pdf. Acesso Em 13 Jul. 2021.
- [10]. MARIA, Luzia De. *O Clube Do Livro: Ser Leitor, Que Diferença Faz?* 2. Ed. São Paulo: Global, 2016.
- [11]. MARTINS, M.; AMORIM, J. *Ensino De Literatura E Formação Leitora Com Mídias Digitais: Propostas Híbridas Para Aplicabilidade Em Sala Através Da Literatura Fantástica De Geraldo Maciel*. *Revista Espaço Pedagógico, Passo Fundo*, V.31, E 16208, 2024.
- [12]. ORDINE, N. *A Utilidade Do Inútil: Um Manifesto*. Trad. Luiz Carlos Bombassaro. Rio De Janeiro: Zahar, 2016.
- [13]. PETIT, Michèle. *Os Jovens E A Leitura: Uma Nova Perspectiva*. Trad. Celina Olga De Souza. São Paulo: Ed.34, 2008.
- [14]. PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. De. *Metodologia Do Trabalho Científico: Métodos E Técnicas Da Pesquisa E Do Trabalho Acadêmico*. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- [15]. YUNES, Eliana. *Tecendo Um Leitor: Uma Rede De Fios Cruzados*. 1. Ed. Curitiba: Aymará, 2009.